



COMPLEXITAS REVISTA DE FILOSOFIA TEMÁTICA - ISSN: 2525-4154
Ed. 2023, V8, n 01

A PÓS-VERDADE E A NECESSIDADE DA EDUCAÇÃO APÓS AUSCHWITZ

20

Post-truth and the need of education after Auschwitz

Recebido: 15/06/2023 | Revisado: 28/08/2023 | Aceito: 29/08/2023 | Publicado: setembro/2023

André Faustino
Professor e Advogado. Pós-Doutorando em Filosofia pela UFSC
Doutor em Direito pela FADISP
<http://orcid.org/0000-0002-4952-4505>
E-mail: faustinoadv01@gmail.com

Resumo: É um dever diário atuar para que não se repita Auschwitz e tudo o que representou esse fato histórico para a humanidade. A memória deve ser sempre mantida como forma de garantir que algo tão horrível não se repita. A discussão, as lembranças são fundamentais, mas mais do que isso, devem existir ferramentas que possibilitem a sua não reprodução novamente. Nesse ponto surge a educação, como sugerido por Adorno, como instrumento garantidor da “lembrança” de Auschwitz e, portanto, um meio de evitar a sua repetição. A importância da educação nesse processo se mostra fundamental, principalmente, em um mundo marcado pela volatilidade da informação e conhecimento, por uma cultura de pós verdade. E se a pós-verdade evidencia a desnecessidade da verdade nos tempos atuais, somente por meio da educação é que a verdade volta a ser central para a construção de mundo. A educação combate a pós-verdade e evita a repetição de Auschwitz. O presente artigo utiliza metodologia de pesquisa filosófico-teórica, por meio do raciocínio dedutivo e análise da sociedade atual, bem como leitura de bibliografia sobre o tema.

Palavras-chave: Pós-verdade; Educação; Sociedade da Informação; Banalidade do mal

Abstract: It is a daily duty to act so that Auschwitz and everything that this historical fact represented for humanity does not happen again. The memory must always be kept as a way to ensure that something so horrible will not be repeated. The discussion, the memories are fundamental, but more than that, there must be tools that make it possible

for them not to be reproduced again. At this point, education emerges, as suggested by Adorno, as a guaranteeing instrument of the “remembrance” of Auschwitz and, therefore, a means of avoiding its repetition. The importance of education in this process is fundamental, especially in a world marked by the volatility of information and knowledge, by a post-truth culture. And if post-truth highlights the unnecessary need for truth in current times, only through education does the truth once again become central to the construction of the world. Education combats post-truth and prevents the repetition of Auschwitz. This article uses a philosophical-theoretical research methodology, through deductive reasoning and analysis of current society, as well as reading the bibliography on the subject.

Keywords: Post-truth; Education; Information Society; Banality of evil

Introdução

Segundo Adorno não é mais possível fazer poesia após a ocorrência de Auschwitz e, embora, depois ele tenha revisitado essa afirmação expandindo o seu sentido, por meio da sua interpretação deduz-se, segundo a visão do autor, o que foi Auschwitz. Em resumo, Auschwitz representou a prática da barbárie de forma sistematizada, com método. Houve uma sistematização de mecanismos voltados à produção da morte, efetivas “fábricas da morte”.

Mas não somente a morte, também a dor, sofrimento, crueldade, desumanidade, enfim a barbárie em sua máxima expressão. Com a ocorrência de Auschwitz é possível afirmar, como fez Primo Levi, que se existiu Auschwitz, então é porque não existe Deus. Essa afirmação deixa claro o horror que representaram as diversas atrocidades praticadas pelos nazistas e como até os dias atuais e até o fim da humanidade ecoará como um alerta e um símbolo da capacidade humana em produzir e praticar a barbárie.

Os horrores praticados pelo nazismo estão gravados na tábua da história, com registros que deixam claro o que foi e como se desenvolveu prática tão vil contra a humanidade. Fotos, livros, relatos de sobreviventes, a preservação do local físico onde se localiza Auschwitz, tudo isso para manter viva a memória do que representou, para o curso da humanidade, as atrocidades lá praticadas, como forma de não permitir que jamais, nem por um dia sequer, seja possível esquecer o que foi Auschwitz.

A essência do texto de Theodor Adorno “Educação após Auschwitz” é justamente essa, o papel que a educação tem para não deixar as memórias da tragédia humana que foi Auschwitz se apagarem, caírem no esquecimento ou não serem lembradas como forma de evitar que algo dessa amplitude e gravidade se repita ou, mais ainda, que esqueçamos de que não é possível praticar a barbárie.

Logo, seguindo a lógica de Adorno, um dos grandes papéis da educação é esse, evitar Auschwitz. A educação presume basear-se em fatos, na realidade, naquilo que é factível e que admite prova de verdade, assim ao lado do que representa a educação deve caminhar a verdade e que, no caso de Auschwitz, infelizmente está escancarada para quem quiser saber. Porém surge uma grande questão e que norteará este artigo que é:

Como abordar a verdade do que foi Auschwitz, por meio da educação em um tempo onde a verdade é descartável por meio de uma cultura de pós-verdade?

Essa questão é justamente o grande desafio de discutir ou se educar após Auschwitz em um mundo onde a “verdade não faz mais sentido”. Em um mundo marcado pela pós-verdade, pela desnecessidade da verdade dos fatos, da verdade científica ou da proliferação de desinformação. A tarefa de educar para evitar a ocorrência de Auschwitz é hercúlea. E se não é quase impossível, certamente, é um trabalho de Sísifo.

E se para Auschwitz não se repetir é necessária educação; e se para a educação é necessária a verdade; como educar para evitar Auschwitz em um tempo onde a verdade passa a ser “desnecessária”? Como educar em um tempo onde uma noção de pós-verdade é que “constrói” mundo? Essas serão as questões que serão enfrentadas no presente artigo. Sendo possível chegar à conclusão de que somente por meio da educação é que se pode evitar a repetição de Auschwitz. A metodologia de pesquisa adotada é a filosófico-teórica, por meio do raciocínio dedutivo e análise da sociedade atual, a pesquisa se dará pela análise da bibliografia disponível sobre o tema.

A Pós-verdade

Em um mundo onde ocorre um protagonismo das tecnologias computacionais, em uma circulação gigantesca de dados e informações por meio de plataformas tecnológicas como, por exemplo, a internet, a compreensão da realidade passa a ser difusa. Mesmo os fatos, com base na volatilidade, velocidade e acesso aos conteúdos disponíveis para busca, passam a não ter a necessidade de ligação com a sua noção de verdade. O conhecimento passa a ser reduzido à informação (CUPANI, 2016) ou até mesmo a simples dados.

Ocorre uma efetiva colisão entre o que é real e o que é virtual e, por consequência, o que é atual e o que é virtual, já que o atual se relaciona com aquilo que é real. Por outro lado, o que é virtual pode não se relacionar nem com o que é real e muito menos atual, surgindo um ambiente propício para a erosão da própria compreensão do que é informação ou conhecimento e, no âmbito do conhecimento, principalmente, uma erosão da verdade trazida dentro do processo de construção do conhecimento, especificamente o conhecimento científico.

Surge um comportamento de se negar aquilo que é real, de simular (BAUDRILLARD, 1991) algo falso a partir daquilo que é verdadeiro. A essência da pós-verdade tem como resultado simular aquilo que não existe a partir daquilo que é real, ou seja, é a possibilidade de apresentar algo como sendo real, verdadeiro, mesmo sendo falso ou inexistente, mas com um grande diferencial, que é a crença de que o que se simula realmente não é simulação, mas sim realidade. Daí a dificuldade de refutação de qualquer argumento baseado em um comportamento de pós-verdade.

Assim, passa a existir a possibilidade de adoção de posturas, comportamentos e produção de um conhecimento baseado em algo além da própria noção de verdade, é a subversão da ideia de *episteme* grega, especificamente a verdade dos fatos ou uma verdade trazida por meio do método científico, ou seja, uma pós-verdade. E embora, como

bem evidenciou Nietzsche (NIETZSCHE, 2017), em *A Gaia Ciência*, quando afirmou que não existem fatos, apenas as suas interpretações, a pós-verdade se insere justamente nesse espaço existente entre os fatos e as suas interpretações.

Não obstante, em 2016 a palavra pós-verdade foi considerada a palavra do ano pelo dicionário de Oxford (UOL, 2016) e embora já existisse a palavra pós-verdade, ela ganha protagonismo a partir de 2016, principalmente, por ter sido a base para surgimento de uma cultura de criação de mentiras e desinformação para o amoldamento da opinião pública e que recebeu o nome de *fake news*, especificamente por conta das eleições presidenciais americanas daquele ano. A mentira passou a ser uma estratégia de manipulação da opinião pública com vistas à obtenção de algum tipo de vantagem específica, dentro de um terreno fértil proporcionado pela pós-verdade.

A pós-verdade não evidencia uma superação daquilo que é a verdade, mas sim a atestação de que a verdade passa a não ser necessária para explicar os fatos ou qualquer outro fenômeno que ocorra. A verdade já não é mais suficiente para “construir mundo”. Apegos pessoais ou crenças pessoais passam a justificar fatos, independentemente da ligação dessas crenças com a efetiva verdade dos fatos ou, até mesmo, uma verdade produzida por meio do método científico (FAUSTINO, 2020). A pós-verdade vai para além da mentira e embora em alguns casos ela possa ter como um dos resultados a mentira, em outros casos um comportamento baseado em pós-verdade estará lastreado em uma falsa noção da verdade contida em algo que não existe ou que é notoriamente falso.

Nesse sentido, a pós-verdade provoca uma efetiva desordem na construção dos juízos comuns e, até mesmo, da opinião pública (QUADROS, 2018), pois passa a relativizar a verdade. Por óbvio, essa afetação da construção de juízos coletivos e da opinião pública desaguará na educação, já que interferirá na construção de conhecimento por parte do educando e, em alguns casos, afetará o próprio educador que poderá adotar comportamento baseado em pós-verdade.

Logo, a pós-verdade passa a ser uma espécie de fenômeno cultural do tempo atual, principalmente, após 2016, pois ela traz um “Véu de Maya” efetivo, já que serve para cobrir a realidade existente, com um acréscimo importante, a sua ocorrência legítima a mentira como “edificadora” de mundo e a consequência disso é nefasta, porque o produto de algo construído sobre a mentira, sobre a inverdade, por óbvio, é uma mentira, uma falácia potencializada, só que encoberta por uma falsa “aura” de real, de verdadeiro.

Dessa forma, a pós-verdade está para além da verdade, ela abre caminho para a ocorrência da desinformação. E se a educação busca propiciar a construção de conhecimento baseado em informação, presume-se que essa informação e, por consequência, esse conhecimento sejam relacionados com a verdade, que pode ser dos fatos ou a científica, mas que com a descentralização do lócus de ocorrência e produção desse conhecimento (SANTAELLA, 2018), tendo em vista, especificamente, a internet, cria uma ambiente perfeito para a distorção da verdade da informação, a desinformação, e para a distorção do conhecimento científico, a pseudociência.

A pós-verdade permite o surgimento de alguns tipos de negação de fatos evidentes ou de comprovados científicos notórios como, por exemplo, a negação da ocorrência do nazismo, o movimento que alega que a terra é plana, o movimento contrário a necessidade de vacinação, a automedicação com base em remédios comprovadamente ineficazes para aquilo que se prestam, permitindo a “repetição de Auschwitz”.

E se não ocorre a negação efetiva daquilo que é real ou verdadeiro, pode ocorrer uma relativização da verdade do fato ou até mesmo de um produto da ciência (HIGGINS, 2016), assim ocorre uma diminuição da própria condição humana, já que com base em uma cultura de pós-verdade o comportamento humano crítico e sensível passa a ser apenas uma crença ou mero desejo, ocorrendo, assim, uma crise na própria razão.

Não obstante, vê-se no Brasil no ano de 2023 um aumento de ocorrências de ataque às escolas, a professores, símbolos reais daquilo que representa a educação e, que de certa forma, são “ofensores” a uma cultura lastreada na pós-verdade. Ganham força discursos de ódio, de negação da ocorrência ou relativização do nazismo e uma negação daquilo que representa a verdade trazida por meio do processo formal de educação, inclusive com projetos de lei que buscam prever o *homeschooling* (SENADO, 2022), prática vedada no Brasil. Essas tentativas evidenciam a necessidade da criação de uma narrativa onde a educação, com base em uma postura legitimada pela pós-verdade, deve se sobrepor à educação formal, já que esta representa um óbice real à sedimentação da pós-verdade como possibilidade de “construção de mundo”.

Com a “Morte de Deus” no século XVIII e centralização do homem como “criador” de mundo por meio da ciência, do método científico (NIETZSCHE, 2017), portanto de uma “certeza da verdade” ou pelo desencantamento weberiano do mundo, rompendo com a magia e religião, portanto atos de crença deram lugar a uma objetividade científica, a pós-verdade representa uma crise nesse mundo da verdade científica, no questionamento do método científico, só que não por um método novo, mas sim com base na crença, no apego pessoal sem nenhum correspondente real.

Portanto, a pós-verdade representa um meio para subtração da educação como processo de desenvolvimento da cultura, da construção de um juízo reflexivo crítico. Trazendo a possibilidade de colocar no centro do processo educacional discursos, narrativas ou pseudociências que não guardam relação com a realidade ou com aquilo que é trazido pela ciência, tudo motivado por apelos ou crenças pessoais. Essa é uma forma principal que justifica a necessidade de uma educação efetiva após Auschwitz, sob pena de garantir um ambiente que possa reproduzi-lo novamente.

Para além de Auschwitz

As atrocidades praticadas pelos nazistas na segunda guerra mundial se tornaram notórias e Auschwitz simbolizou a prática contumaz da maldade, animosidade, da maldade de forma sistêmica, sem nenhum tipo de propósito, simplesmente a maldade pela maldade, daí a importância de evitar a sua repetição e isso só é possível por meio da educação. Nada seria capaz de justificar as atrocidades cometidas nos campos de

concentração e extermínio ocorridos durante a segunda guerra mundial. A ocorrência de Auschwitz representa a falência das virtudes humanas e um estado de barbárie em sua plenitude máxima, é o regresso do homem à pior forma do estado de natureza hobbesiano.

Como disse Didi-Huberman, em Auschwitz é onde “fracassa o pensamento” (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 226) é onde existe uma superação e eliminação da própria noção de humanidade e justiça. As atrocidades lá praticadas colocam em questão a própria compreensão da condição humana, colocam em questão qual seria o limite do desumano, da crueldade e da barbárie. Na verdade, seria possível perguntar se existem limites para a barbárie após a ocorrência de Auschwitz.

Existiam alemães que tinham o prazer em ver o sofrimento, em ver a morte pura e simplesmente, em uma manifestação completamente sádica, de crueldade extrema. Um exemplo é o comandante do campo de concentração de Plaszów, Amon Goth, que da sacada de sua casa, localizada dentro de Plaszów, pegava sua arma e atirava contra judeus de forma aleatória, como se fosse uma espécie de diversão, de passatempo, um tipo de esporte, simplesmente pelo prazer de matar, de ver o medo e sofrimento no olhar das pessoas.

Auschwitz simbolizou uma política voltada para a produção da morte, com a criação de verdadeiras “fábricas da morte” e do sofrimento humano. A sistematização da morte e do sofrimento humano criou nos próprios perpetradores da barbárie um mecanismo de cumprimento “fiel” do seu papel, como uma rotina burocrática, um “simples” trabalho qualquer. Os agentes nazistas da morte e sofrimento, em alguns casos, simplesmente praticavam os seus atos, que tinham consequências de horror, como quem carimba uma simples folha de papel.

Hannah Arendt bem evidencia isso no caso do julgamento de Eichmann em seu livro *Eichmann em Jerusalém* (ARENDR, 2003). A forma que imaginavam como seria Adolf Eichmann, integrante da SS e responsável pela “Solução Final” do programa nazista, que representava o “extermínio” sistematizado dos judeus, como um assassino frio, calculista, brutal, foi desfeita logo no início de seu julgamento. O que se viu era um homem comum, um burocrata que “apenas cumpria” com o seu dever, sem fazer nenhum julgamento moral do resultado desse dever, a indiferença com as vidas ceifadas era a máxima expressão do que representa a banalidade do mal.

Situação similar é retratada por Contardo Calligaris em um artigo chamado *Sedução Totalitária* (CALLIGARIS, 1991) em que ele aborda o comportamento do comandante do campo de concentração de Auschwitz, Rudolf Höss. Nesse artigo é desenvolvido um termo, a “paixão em ser instrumento”, que representa a satisfação de um indivíduo em ser instrumento de algo, de coisificar-se como meio de atingimento de algum fim. Ao encontrarem um diário de Höss, perceberam que ele se sentia satisfeito pelo seu trabalho, se considerava um “funcionário exemplar”, pois cumpria as ordens, era eficaz. E a grande questão é que toda essa eficácia representou o sofrimento e a morte de pessoas. O comportamento de Höss é idêntico ao de Eichmann, ambos eram burocratas, a barbárie os transformou em meros instrumentos da morte, eles se “coisificaram”.

Adorno aborda a mesma questão no texto *Educação após Auschwitz* (ADORNO, 1995) relacionada à frieza e falta de reflexão sobre o que se estava fazendo, por parte dos nazistas, ao usar o termo “consciência coisificada”, para retratar o apego extremo à técnica, onde o indivíduo se torna um mero executor, mera “máquina de fazer” e com esse tipo de conduta pratica a barbárie sem fazer nenhum tipo de juízo crítico como, por exemplo, desenvolver ferrovias que melhor levassem os presos para o campo de concentração e extermínio de Auschwitz.

E a frieza ou coisificação humana dos soldados nazistas, no caso de Auschwitz, poderia ser considerada como um mecanismo de defesa humano, um bloqueio psíquico contra a barbárie contínua ocorrida naquele local. Porém, assim como existiam agentes nazistas, alemães, que adotavam esse comportamento, surgiam, também, do lado dos violentados, das vítimas dessa barbárie, pessoas com o mesmo comportamento como o caso dos *Sonderkommandos* ou dos *Muçulmanos*.

Esse intercâmbio de posições dentro do horror do campo de extermínio, do agente do mal nazista e da vítima, criou uma “zona cinzenta” como disse Levi (LEVI, 1990, p. 32), de uma “conjunção entre vítimas e algozes”, ocorrendo uma inversão de papéis onde oprimido se torna opressor e opressor se torna imprimido. Essa é a insanidade que se produz um ambiente de degradação da natureza humana, de violação de todos os sentidos da vida. O campo de concentração e extermínio simboliza a maldade, o mal na sua máxima potência.

Talvez uma das “funções” de trabalho mais controversas existentes nos campos de concentração e extermínio seja os *Sonderkommandos*, que eram prisioneiros do *lager* e tinham a função de cumprir tarefas que os próprios alemães se recusavam a fazer, tendo em vista critérios de repetição, extenuação ou de extrema crueldade como, por exemplo, transporte dos corpos para as câmaras de incineração ou limpeza das câmaras de gás após uma quantidade grande de pessoas serem lá mortas. Por trabalharem nessas tarefas desumanas, eles acabavam tendo algum tipo de privilégio relacionado à alimentação ou local de permanência, mas eram prisioneiros iguais aos outros e em algum momento teriam o mesmo final trágico que seus semelhantes (SUSIGAN, 2018).

Um dos pontos principais, em relação aos *Sonderkommandos*, é que a “automatização” de suas vidas dentro do campo de concentração era fruto de um questionamento duplo, travado entre a culpa de sobreviverem, sentimento comum a quem sobreviveu ao terror de Auschwitz, e viver com a culpa de ter trabalhado em algo contra os seus próprios semelhantes. Eles representam a extensão da crueldade praticada dentro dos campos de concentração, onde vítima e algoz se confundem em meio a toda a barbárie.

Esse dilema é fulcral na compreensão de uma possível culpa por sobreviver à Auschwitz e não morrer dentro do campo, por uma questão de escolha do indivíduo que optou por não morrer na sequência natural da “vida dentro do campo” ou se suicidando contra a cerca eletrificada. O *Sonderkommando*, em linhas gerais, traz dentro de si a impossibilidade de uma escolha justa, foge de qualquer noção de justiça, logo, nem mesmo um ato próprio de vontade do indivíduo pode ser considerado justo consigo

mesmo. A vida ou a morte no campo de extermínio carregam em si culpa, julgamento, portanto a existência ou o fim da vida não possuem fim, o indivíduo em Auschwitz é um eterno condenado ao sofrimento.

Um outro ser que surge com a criação dos campos de extermínio é a do muçulmano ou *musulman*. Como definido por Agamben, o muçulmano era o indivíduo que abandonou a vontade de viver, era o “cadáver vivo”, aquele que se afastou de qualquer espontaneidade de vida (AGAMBEN, 2008, p. 52). Ele representava a vida nua, a condição do corpo que poderia ser morto, mas impossível de ser sacrificado, o real sentido do *homo sacer*.

O muçulmano representa a influência da crueldade, da barbárie dentro do corpo do indivíduo, provocando uma quase morte a ponto de desencadear, por parte do indivíduo, um abandono da “vida em vida”, mas não é qualquer forma de abandono, é o literal alijamento de si, de qualquer porção de humanidade, é a eliminação do “ser”. Primo Levi descreve os muçulmanos como aqueles que já estão mais próximos da morte. Não se chama eles de vivos, mas também não se chama eles de mortos. O olhar do muçulmano não tem nenhuma porção de vida, assim como também não tem nenhum temor da morte (LEVI, 1988).

Qualquer que seja o prisma de observação daquilo que representa Auschwitz, é possível concluir que é a evidenciação da tragédia humana, quer seja pela perda da humanidade dos perpetradores da barbárie, quer seja pelo lado das vítimas de uma das maiores expressões da maldade humana de forma sistematizada, enquanto método de aniquilação do outro, do semelhante. Toda essa maldade, essa barbárie deve servir de lembrança de como o ser humano pode praticar a maldade na sua mais pior concretização. Uma das formas de manter essa lembrança diariamente viva é por meio da educação.

A necessidade da educação após Auschwitz

A educação permite o desenvolvimento de diversas valias fundamentais para a vivência no mundo em relação a si e aos outros. Desde o conhecimento técnico até a compreensão da própria vida, a educação é uma trilha e não um trilho que permite transformar o indivíduo. Sem ela o ser humano é simplesmente um animal em estado bruto, sem noção ou compreensão do que ele é e da complexidade do mundo que o rodeia. Como disse Rousseau no livro primeiro de “Emílio ou da educação”, o homem sem a educação seria um homem onde seus preconceitos e necessidades anulariam a sua própria natureza humana e nada seria colocado nesse lugar (ROUSSEAU, 2004).

O indivíduo sem contato com a educação é o lobo do estado de natureza hobbesiano, que vive sem limites, em busca apenas da satisfação pessoal, sem o compromisso com o outro ou com o mundo que o rodeia. Nesse sentido, a educação é instrumento de transformação humana e, por consequência, da sociedade. Ela permite o desenvolvimento de capacidades críticas, de uma visão crítica do mundo, permitindo, também a circulação do conhecimento, meio fundamental para construção de uma condição social humana, de uma compreensão da completude do que é o mundo e o

indivíduo nele inserido. Por meio da educação é que é possível ocorrer uma maior circulação e transmissão do conhecimento e, com isso, o desenvolvimento de uma consciência relacionada com os deveres e responsabilidades do indivíduo em sociedade (PINTO; DIAS, 2018).

Quanto mais inexistente for a educação em uma sociedade ou mais se afasta dela, mais se aproxima da barbárie, da ignorância e do obscurantismo de pensamento. Quanto menos educação, mais próximo se chega de repetir Auschwitz, por isso é fundamental a manutenção da educação, da transmissão do conhecimento, como forma de permitir a ocorrência do pensamento crítico, a ocorrência da porção humana contida no animal homem. Se a falta de educação produziu Auschwitz, a sua ausência permite a criação do ambiente propício para repeti-lo.

A educação tem uma função social, pois permite que, com base na apropriação de conhecimento, de valores necessários para a convivência e sociedade e respeito ao outro, à coletividade, garanta que não se repita a barbárie, que não se cultive o desrespeito. A “luz” do conhecimento só é possível ser acesa pela centelha da educação, ela é o elemento primordial de construção humana e que permite o indivíduo passar a fazer parte do gênero humano (TONET, 2006).

Porém a educação ou o processo educacional não deve burocrático, mecanicista, considerando o destinatário do processo como um mero repositório de dados, informação ou conhecimento, sob pena de garantir um terreno fértil para uma cultura de pós-verdade e, por consequência, um campo fértil para a repetição de Auschwitz. Não deve ocorrer um tipo de educação bancária, como preceituado por Paulo Freire (FREIRE, 1970), ou seja, no centro do processo educacional e como finalidade deve ocorrer uma busca em desenvolvimento de diversas valias que permitam um processo ativo de educação e não uma posição passiva do educando, como mero espectador.

Em boa medida essa visão da educação bancária freiriana é a responsável por explicar a crise que ocorre na própria compreensão e produção da ciência nos tempos atuais, já que o cientista e a ciência se fecham dentro de um sistema próprio, como se fosse uma caixa-preta, sem comunicação com a sociedade, esquecendo que o resultado da ciência produzida dentro do método científico e dentro do “laboratório” serve e tem utilidade para a mesma sociedade que se encontra alijada dessa mesma produção científica (LATOURETTE, 2001). A educação burocrática coisifica o humano e abre um espaço para a permeação da pós-verdade dentro de um processo que deveria guardar relação com a realidade, com a verdade e que permite a construção de juízos críticos reflexivos.

Ademais, Nietzsche também abordou a questão de uma educação meramente técnica, burocrática, mecânica e como ela somente serviria para produzir ganhos de ordem material, para a “promoção de funcionários”, mas que jamais contribuiria para uma elevação cultural, para a construção de um “espírito crítico” e que permitisse o indivíduo viver a plenitude de sua potência em vida, pelo contrário, a educação burocrática seria um mero recurso de subsistência, uma ferramenta de proteção e salvação da existência, uma condição biológica humana de sobrevivência (NIETZSCHE, 2003). Esse modelo embora mais fácil e reproduzível em escala fabril, forma pessoas idênticas, padroniza e

elimina a capacidade crítica e o desenvolvimento de potencialidades suficientes para compreender e não permitir a repetição de Auschwitz.

Nesse sentido, para que não se repita Auschwitz e para a superação de uma cultura de pós-verdade, possível de manutenção dentro de uma perspectiva de educação bancária, mecânica e meramente tecnicista, é necessário desenvolver outros tipos de valias, de saberes e conhecimentos que permitam a construção de uma cultura, da possibilidade de desenvolvimento de um juízo reflexivo crítico e construção de um mundo baseado na autonomia do indivíduo nessa construção (SANTOS, 2019). Superar a educação burocrática é garantir a não ofensa de uma cultura de pós-verdade no processo educacional, é tornar a educação imune à ofensa direta que a desinformação e a ausência de compreensão da verdade que a pós-verdade traz dentro de si.

Sem acesso à educação, sem contato com o conhecimento basilar de construção humana é impossível não repetir Auschwitz. Somente as memórias são insuficientes para evitar a banalidade do mal, é necessário um esforço constante, diário, para evitar a repetição da maldade. A educação combate o discurso de ódio, a educação combate a animosidade, a educação combate a violência, mas deve ser um exercício diário e repetido em busca da não repetição de Auschwitz. A barbárie mora nos detalhes, reside, principalmente, na falta de memória, do esquecimento proposital dos resultados provocados pela falta de educação e que só pode ser combatida com a presença de educação. A educação é efetiva ferramenta e elemento de transformação social e que permite modificar ou edificar uma realidade social (BORDIEU, 1987).

E a função primordial da educação é formar o “homem”, pois em um estado natural, a partir do nascimento, o homem não nasce homem, a condição humana não é um presente, mas sim um trabalho, um exercício diário de construção do homem social, o homem político. Assim é necessário um processo de formação desse homem, que nada mais é que um processo educativo, podendo se afirmar que a existência do homem em sociedade é antes de mais nada a existência do homem dentro de um processo de educação (SAVIANI, 2007).

Considerações finais

E em um tempo onde a educação e o conhecimento passam a ser “desnecessários”, onde a ciência é colocada em xeque, mais urgente é a necessidade da educação. Para cada porção de pós-verdade que exista, deve existir o dobro em educação, sob pena de se repetir Auschwitz, sob pena de se perpetuar a barbárie, a ignorância e o desrespeito ao outro como normalidade, como algo que faz parte do dia a dia. A educação não deve estar pautada na força, violência ou disciplina, mas sim no desenvolvimento de valias e construção de um universo cognitivo que capacite o indivíduo discernir o que é a barbárie, a maldade e como não reproduzir isso no seu dia a dia.

A urgência da discussão da educação, sob pena de se repetir Auschwitz, é a de não minimização da violência, da agressão e que muitas vezes é disfarçada sob o pretexto da disciplina, da “ordem e progresso”. O processo educacional deve descortinar, desenvolver

as valias ligadas à construção de uma sociedade plural, de respeito às diversidades e peculiaridades de cada um. É pressuposto da educação a pluralidade. Não se pode confundir a educação com disciplina, padronização, industrialização do processo educacional, sob pena de retirar do processo educacional o principal, a formação do homem como ator social e a sua responsabilidade na construção de uma sociedade que reprima qualquer forma de barbárie.

Quer seja a educação formal, proporcionada pela escola, quer seja na educação informal, é fundamental que o indivíduo passe por um processo educacional como forma de construção de uma bagagem de conhecimento e de patrimônio intelectual que garanta o cumprimento de uma efetiva função social da educação. O principal papel da educação, como um processo de transformação do indivíduo, é que a partir da edificação de um ser humano sociável, livre da bestialização natural do estado de natureza humano, seja possível uma transformação social. São necessários um contexto e um propósito para a educação, mas em linhas gerais, ela deve evitar a prática da barbárie, da maldade, da repetição de Auschwitz.

A educação não é uma verdade absoluta, e a base da educação deve ser justamente combater as verdades absolutas, já que como processo de construção está em constante mutação e transformação. A educação combate o dogma, as falsas presunções de verdades ou as verdades absolutas presumidas e tem como finalidade libertar os indivíduos dos grilhões da crença, da ignorância, porém sempre ter objetivo maior, que é não permitir a reprodução da barbárie. A educação elimina a pós-verdade.

E como disse Camus: “o homem é a única criatura se recusa ser o que é” (CAMUS, 2017, 11). É por meio da educação que é possível compreender aquilo que se é, o que o homem realmente é. E embora exista uma pulsão de morte, uma violência intrínseca humana, que, mais uma vez, nos aproxima do “lobo homem” do estado de natureza hobbesiano, a educação é que permitirá construir, edificar um homem apto a viver em sociedade, apto a conviver com a diferença, com o outro, sem a necessidade de sua anulação ou aniquilação.

Somente por meio da educação é que é possível combater a barbárie e a mentira que destrói a coletividade. O antídoto contra uma sociedade onde a mentira passou a ser a regra, onde o descompromisso com a verdade dos fatos ou da ciência passou a “nova” verdade, em um momento onde o ópio do povo passa a ser o “além verdade”, é somente por meio da educação que pode existir esperança ou mecanismos de combate à pós-verdade. A educação antecede o conhecimento, ela é recurso para se atingir o conhecimento, a partir da educação é que o homem passa a desenvolver consciência de quem é dentro do mundo que o rodeia e permite que não se repita Auschwitz.

Referências

ADORNO, Theodor W. **Educação após auschwitz**. Educação e emancipação, v. 3, p. 119-138, 1995.

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III)**. São Paulo: Boitempo, 2008.

ARENDDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: uma reportagem sobre a banalidade do mal**. Tradução de Ana Corrêa da Silva. Coimbra: Tenacitas, 2003.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulações**. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.

BORDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CALLIGARIS, Contardo. **A Sedução Totalitária**. In: *Clínica do Social*. São Paulo, Ed. Escuta, 1991.

CAMUS, Albert. **O homem revoltado**. Editora Best Seller, 2017.

CUPANI, Alberto. **Filosofia da tecnologia: um convite**. 3. ed. – Florianópolis: Editora da UFSC, 2016.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Imagens apesar de tudo**. Trad. Vera Brito e J. P. Cachopo. Lisboa: KKYM, 2012.

FAUSTINO, André. **Fake News: A liberdade de expressão nas redes sociais na sociedade da informação**. São Paulo: Lura Editorial, 2020.

HIGGINS, Kathleen. **Post-truth: a guide for the perplexed**. Nature, [s.l.], v. 540, n.

LEVI, Primo. **É isto um homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LATOUR, Bruno. **A esperança de Pandora**. Bauru: EDUSC, 2001.

LEVI, Primo. **Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades**. Trad. Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ensaio sobre educação**. Tradução Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2003.

_____. **A gaia ciência**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2017.

PINTO, Fátima Cunha Ferreira; DIAS, Érika. **Educação e pesquisa**. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, Rio de Janeiro, v. 26, n. 100, p. 505-8, jul. 2018.



QUADROS, Manuela Corradi Carneiro Dantas. **A era da pós-verdade: neoliberalismo e o direito do trabalho.** In; DINALI, Danielle de Jesus; QUADROS, Manuela Corradi Carneiro Dantas; FRANÇA, Mhardoqueu G. Lima (organizadores). O direito na sociedade da pós-verdade. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2018.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da educação.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.
SANTAELLA. L. A Pós-verdade é verdadeira ou falsa? Barueri: Estação das Letras e Cores, 2018.

SANTOS, Boaventura de Souza. **O fim do Império Cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul.** Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SAVIANI, Demerval. **Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos.** Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro: ANPED; Campinas: Autores Associados, vol. 12, n. 34, 152-180, 2007.

SCHEFFLER, Israel. **A linguagem da educação;** tradução de Balthazar Barbosa Filho. São Paulo: Saraiva. Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

SENADO. **Projeto que autoriza educação domiciliar começa a ser discutido no Senado.** Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/05/26/projeto-que-autoriza-educacao-domiciliar-comeca-a-ser-discutido-no-senado>. Acesso em: 20 abr. 2023.

SUSIGAN, Cristina. **A Trans-Memória das Imagens, sentir o tempo e inquietar-se: o caso Sonderkommando.** Domínios da Imagem, Londrina, v. 12, n. 22, p. 115-126, jan./jun. 2018.

TONET, Ivo. **Educação e formação humana.** Ideação, v. 8, n. 9, p. 09-21, 2006.

UOL. **Por que pós-verdade foi a palavra do ano e o que ela diz sobre 2016.** Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/12/31/por-que-pos-verdade-foi-a-palavra-do-ano-e-o-que-ela-diz-sobre-2016.htm>. Acesso em 20 abr. 2023.